

A FIGURA DO GAÚCHO NA LITERATURA: CRÍTICA SOCIAL E ESCRITA POLÍTICA

Lucas do Nascimento Rodrigues¹

Introdução

Como sabemos, com o alvorecer do século XIX vieram os processos de independências das, até então, colônias latino-americanas. No entanto, as independências por si só não resolveram os dilemas das sociedades em questão, pelo contrário, acabaram por resultar em novos conflitos em que as elites locais digladiavam-se em busca de estabelecer seu projeto político de poder.

Dentre essa gama de conflitos, cabe destacar os litígios envolvendo o Império Brasileiro e a província Cisplatina, anexada em 1820. No entanto, houve o levante em 1825 contra o Brasil, logo “a Argentina declarou apoiar o movimento, com o fim de reincorporar a Banda Oriental às Províncias Unidas do Rio da Prata. Tal atitude levou o Império Brasileiro a declarar guerra à Argentina, iniciando-se a guerra Cisplatina (PESAVENTO, 1982, p.37).

Após a independência da Banda Oriental, que viria a ser o Uruguai, os conflitos internos uruguaios não cessam, sobretudo na dicotomia entre os partidos Blanco e Colorado. Na Argentina, o mesmo se passa com a disputa de poder entre unitaristas e federalistas. Nesse contexto

De 1848 a 1851, desenvolveu-se a luta contra Oribe no Uruguai e, de 1852 a 1853, a luta contra Rosas na Argentina. A esses conflitos se seguiram outros, na década seguinte, quando o Brasil ingressou na luta contra Aguirre, que, no Uruguai, se opunha ao governo de Venâncio Flores (1864-65). Tal conflito desembocou na Guerra do Paraguai, desenvolvida entre os anos de 1865 e 1870 (PESAVENTO, 1982, p.52).

Se tratando do Rio Grande do Sul, para além do envolvimento em conflitos com os vizinhos platinos, mencionados acima, litígios internos não faltaram, citando dois deles: a Revolta Farroupilha, guerra civil travada entre 1835 e 1845, contra o governo imperial brasileiro; e a Revolução Federalista, entre 1893 e 1895, sendo um conflito em que se disputava a hegemonia de um dos dois modelos republicanos em questão, para a república recém instaurada no Brasil.

¹ Mestrando em História, Cultura e Política pela Universidade Estadual de Maringá -

É importante entender que nesse contexto da região platina permeada por conflitos armados, mais especificamente onde hoje se localiza o centro da Argentina, o Uruguai e o sul do Brasil, boa parte da mão de obra bélica utilizada nestes conflitos vinha dos habitantes rurais do pampa, o arquétipo local conhecido como Gaúcho - habitante de um mesmo eco sistema.

Por se tratar de uma zona de fronteira, a metade sul do atual Rio Grande do Sul teve sua distribuição de terras atrelada a militares, que tinham nos homens sob seu comando mais do que a mão de obra para as lidas das estâncias - geralmente no trato com o gado - mas também soldados em potencial, que eram convocados a cada conflito, a exemplo dos mencionados acima. No caso dos vizinhos platinos não era diferente. Um grande contingente de *gauchos* era mobilizado nos conflitos, sejam eles de caráter interno, de defesa das fronteiras ou de sua expansão, sob o comando de líderes conhecidos como *Caudillos*, que tem seus arquétipos mais conhecidos nas figuras dos argentinos Facundo Quiroga e Juan Manuel Rosas.

E é nesse contexto de duplo caráter, se assim podemos dizer, entre as lides rurais e as lutas armadas que a literatura molda a figura do gaúcho, trazendo, em maior ou menor medida, os ideais políticos dos autores ou de grupos de poder a eles vinculados. No caso do Brasil Imperial, já quase ao final do século XIX, José de Alencar escreve “O Gaúcho” nos anos em que se ocorria a Guerra do Paraguai e, para além disso, traz na narrativa o contexto da Revolta Farroupilha, citando, inclusive, a figura de Bento Gonçalves, um dos generais que lideraram o levante.

No mesmo período, José Hernández escreve na Argentina “*El Gaucho Martín Fierro*” (1872), em que através dos versos rimados ao estilo da *Payada* - versos cantados ao compasso da milonga, típico da região - tece uma crítica social manifestando-se sobre a questão do *gaucho*, utilizados militarmente sob o mando de líderes arbitrários, sobretudo no contexto dos conflitos contra os indígenas. No caso de Hernández, se torna ainda mais particular a análise por conta do autor posteriormente vir a ocupar cargos políticos, e suas futuras obras refletirem o câmbio de suas ideias com o decorrer do tempo.

Avançando um pouco no tempo e trazendo de volta a discussão para o Brasil, mais especificamente ao período após Revolução de 1930, temos duas trilogias em que a figura do gaúcho é distintamente retratada. De um lado, temos Érico Veríssimo escrevendo “*O Tempo e o Vento*”, trazendo em prosa uma certa Epopeia do gaúcho, tecendo a trama dos personagens entremeadas a história política do Rio Grande do Sul, principalmente nos conflitos armados. Já Cyro Martins, por outro lado, escreve a “*Trilogia do Gaúcho a pé*” não retomando tanto ao passado, mas narrando em seu tempo presente, o contexto social da urbanização, em que os gaúchos,

pobres, acabam por serem forçados a deixar o campo e ir para a cidade, terminando às margens da sociedade.

Sandra Jatahy Pesavento (1980, p.62) comenta que “os intelectuais vinculados a um bloco histórico dado constituem um grupo social que teoriza, torna coerente e difunde as ideias e os valores da classe dominante junto à massa da população”. Nesse sentido, este trabalho buscou analisar através do discurso literário, como a figura do gaúcho foi moldada conforme os ideais políticos vigentes no contexto de produção, seja por meio de uma construção/legitimação de uma imagem idealizada, heroica, ou ainda como uma crítica social, denúncia ou manifesto contrários às políticas do momento, como veremos a seguir.

“O Gaúcho” e “El Gaucho Martín Fierro”: enaltecimento e crítica social em finais do XIX.

Ao pensar a literatura gauchesca, de produção no Brasil, teríamos uma gama de obras e autores sul-rio-grandenses a serem relacionados e analisados, a exemplo dos membros e obras surgidas na Sociedade Paternon Literário, surgida em Porto Alegre em 1868, sobretudo através de sua revista que circulou entre 1869 e 1879; além de outros autores regionalistas com João Simões Lopes Neto - expoente, porém vivendo em Rio Grande, e não na capital.

No entanto, a obra “O gaúcho” de José de Alencar, lançada originalmente em 1870 nos chama a atenção para a análise proposta por alguns aspectos. Dentre eles, podemos destacar a origem do autor, cearense, que produz a obra praticamente sem conhecer o Rio Grande do Sul. A partir disso, podemos entender o caráter da obra, no sentido de uma busca que integração nacional, relacionada ao contexto de sua escola literária de origem: o Romantismo.

Considerando que “o romantismo volta-se às origens quase imemoriais da nação, desenhadas por pintores e literatos com tintas e cores mais vibrantes que aquelas de seu passado histórico” (ZALLA, 2010, p.2), vemos aspectos importantes do cenário sociopolítico em que seu autor esteve inserido, que acabaram por refletir nos moldes do personagem proposto por Alencar. Jocelito Zalla analisou “O Gaucho” de Alencar através do conceito de “Romantismo Político”, indicando que:

no Brasil, como sabemos, o romantismo literário vigente, também, no século XIX, deu os primeiros passos na longa caminhada em direção à nação. Nesse sentido, podemos citar o escritor José de Alencar como um dos precursores da tarefa, seguida por gerações de intelectuais, de conferir à unidade política do país (por muito tempo frágil e, portanto, contestável) imagens de um passado comum, diverso, mas integrado (ZALLA, 2010, p.2).

Para além da estética literária do Romantismo, entendemos que a trajetória pessoal do autor inserida e envolvida no contexto político de sua época, deixou suas marcas expressas na figura do Gaúcho descrita em sua obra. José de Alencar teve uma carreira política, sendo deputado provincial no Ceará, pelo Partido Conservador, além de ocupar o cargo de Ministro da Justiça, de 1868 a 1870. É válido ressaltar, que o período em que Alencar foi Ministro da Justiça terminava o maior conflito que o Império Brasileiro esteve inserido: a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Há de se considerar que a Guerra do Paraguai emerge do contexto da Guerra do Uruguai, em que o Império Brasileiro se alia ao *Partido Colorado*, em sua disputa contra os *Blancos*, apoiado pelas Províncias do Rio da Prata. Para além disso, há todo um passado de relações do Império Brasileiro na região, desde a anexação da Cisplatina, sua perda, e a independência como solução tampão.

A relação entre brasileiros e uruguaios está muito presente no romance “O Gaúcho”, de uma forma, ao nosso ver, muito particular: cabe aos uruguaios, mais especificamente na figura do personagem “Barreda”, ser o vilão da trama, que assassina o pai do protagonista da obra. O pai, João Canho, tem sua propriedade invadida por “quatro castelhanos orientais” que perseguiram um conhecido ser. É narrado que “no meio dessa existência tranquila, a asa negra da desgraça roçou pela casa de João Canho. Foi em Maio de 1820”, onde em meio a uma luta braçal, o oriental “de um salto caiu no terreiro e cravou a lança nas costas de João Canho” (ALENCAR, [1870] 1978, p.56-58).

Ainda que não seja citado especificamente, Alencar, ao deixar explicitado o ano em que se passaram estes fatos, 1820, nos dá margem para relacionarmos com o contexto histórico/político passado nestes anos, pois é o período em que está ocorrendo a anexação da Província Cisplatina, ou banda oriental – atual Uruguai – ao Reino Unido do Brasil; fazendo-nos pensar sobre uma representação do conflito, através dos personagens castelhanos orientais ‘vilões’, no sentido de que, posteriormente, o Brasil acaba perdendo o domínio sobre a banda oriental.

Outro aspecto em que o conturbado contexto político vem à tona na obra é sobre a Revolta Farroupilha. O conflito que foi o um levante contra as forças do Império do Brasil, é pano de fundo para a trama do romance de Alencar. O principal líder dos revoltosos, o general Bento Gonçalves, ganha um sentido heroico e bravio na trama, como podemos ver no excerto a seguir:

O coronel Bento Gonçalves da Silva, veterano da Guerra da Cisplatina e comandante da fronteira de Jaguarão e Bagé, era então o homem mais respeitado e toda a campanha do Rio Grande do Sul. Franco e generoso, bravo como as armas, vazado na mesma têmpera de Osório e Andrade Neves, montado a cavalo como o Cid campeador, era Bento Gonçalves o ídolo da campanha (ALENCAR, [1870] 1978, p.19).

Na sequência da trama, é mencionado que D. Juan Lavalleja, caudilho uruguaio que era prisioneiro de Bento Gonçalves, tenta coagi-lo com ideais separatistas, dizendo que “no momento em que Bento Gonçalves quiser, o Rio Grande do Sul será um Estado independente como a Banda Oriental”. Porém recebe como resposta os seguintes dizeres do militar rio-grandense: “Sou brasileiro; nasci cidadão do império, e assim hei de viver, enquanto houver liberdade em meu país, porque para mim a liberdade não é uma burla para enganar o povo, mas o primeiro bem, que não se perde nem desonra, e não se tira sem traição (ALENCAR, [1870] 1978, p.23).

Portanto, a partir do exposto, entendemos que Alencar, membro do Partido Conservador do Império, ao escrever o romance “O Gaúcho” no contexto de um Romantismo que emergia na busca de um nacionalismo, acaba por buscar um novo sentido para a Revolta Farroupilha. Ao invés de uma “condenação” de um levante contra o império, há a busca de heroicizar seu principal líder, e relegar todo caráter separatista à influência platina, novamente, vilã - mesmo porque houve a anistia a todos os envolvidos na que foi a maior revolta enfrentada pelo Império.

Nesse sentido, na busca de uma integração nacional em que era necessária incorporar a distante província Rio-grandense ao centro do império, sobretudo no contexto de produção da obra, que se passava pelo período da Guerra do Paraguai onde os “soldados” gaúchos tiveram um papel importante, vemos em “O Gaúcho” de Alencar os reflexos de um uso político do passado, moldando o arquétipo do homem rural dos pampas conforme os anseios nacionalistas emergentes ao final do século XIX, na tentativa de uma desvinculação com as heranças e relações com o Prata .

Em 1872, dois anos após o lançamento de “O Gaúcho” por José de Alencar, José Hernández lançava na Argentina a obra de literatura gauchesca que se tornaria a mais conhecida: “*El Gaucho Martín Fierro*”. O poema épico de Hernández, para além de tipificar a figura do gaúcho, traz um retrato social com uma crítica, envolvendo o contexto ideológico sobre os rumos da nação naquele período, que acabava por refletir nas ações que eram sentidas com o pós-guerra e a consolidação da nação, sobretudo, pelas camadas mais baixas da população.

Na Argentina, durante o governo do caudilho Juan Manuel Rosas, seu opositor Domingo Faustino Sarmiento escreveu a obra “*Facundo: Civilização e Barbárie*” (1845). Se

utilizando da figura do caudilho Facundo Quiroga, Sarmiento teceu uma crítica tenaz ao caudilhismo, considerando que os *gauchos* e indígenas representavam a Barbárie, que impediam o desenvolvimento da nação rumo à Civilização, vendo na imigração europeia a solução para derrotar a barbárie. Posteriormente, em 1868, Sarmiento chega a presidência Argentina, e naturalmente, começa a levar a cabo seu projeto de poder, no qual via nos *gauchos* a barbárie a ser combatida.

Nos tempos que transcorria a presidência de Sarmiento bem como terminava a grande guerra na qual a Argentina participava, José Hernández, criador de *Martín Fierro*, seria um opositor de Sarmiento e defensor da causa dos *gauchos*. Através de seu personagem, um retrato social mostrava as arbitrariedades sofridas pelo verdadeiro construtor da nação. O arquétipo moldado por Hernández traz um *gaucho* com um certo caráter heroico, bravio, que muitas vezes para defender sua honra, acaba se envolvendo em brigas e duelos, e sofre com as mazelas impostas, tudo isso, retratando o contexto social do período.

Ao analisar “Os setores populares frente ao desenvolvimento do capitalismo na província de Córdoba 1861-1914” (1999) Luiz Felipe Viel Moreira, por meio de processos criminais, identificou que “diante das barras dos tribunais viram-se implicados a ampla maioria da população criolla, *gauchos/paisanos* nômades ou sedentários, das mais diversas regiões da província e por diferentes situações” (MOREIRA, 1999, p.41). É trazido também que a punição dada a estas pessoas consistia no envio:

*para a atividade militar nos fortes espalhados pelas linhas de fronteira em sua luta contra o índio, situação que não se restringiu unicamente a esta “categoria delitiva”. Ante o menor tipo de infração penal por parte destes *gauchos/paisanos* nômades ou sedentários, quer fosse por brigas, brigas com morte ou roubos, o corrente foi o mesmo tratamento para todos os seus envolvidos (MOREIRA, 1999, p.47).*

E é nesse contexto que se passa a trama do personagem Martín Fierro, que é enviado para o serviço militar na fronteira, sofrendo abusos de poder, sendo colocado pelos ‘militares’ em tarefas alheias ao serviço militar que havia sido designado, até que depois de três anos, sem perspectiva alguma, acaba desertando e se tornando um fugitivo. Após várias situações conflituosas e de fuga, e ao se encaminhar para o final da trama, a solução que Martín Fierro encontra é sair dessa sociedade e se refugiar além fronteira, junto aos índios.

De certo modo, semelhante a trajetória de José de Alencar, José Hernández também constituiu uma carreira política, se tornando deputado e, depois, senador. No entanto, diferente de Alencar, paralelo à trajetória política de Hernández podemos ver a mudança de ideias expressa nos destinos do personagem por ele criado.

Em 1879, não mais seguindo aos últimos caudilhos federalistas, mas já deputado e fazendo parte do novo poder nacional que se consolidava na nascente República Argentina, Hernández publica “*La Vuelta de Martín Fierro*”, uma continuação da saga. Na primeira parte, Martín Fierro, apresenta os *gaúchos* em sua ode pela liberdade, aos quais sobra as franjas da sociedade, junto aos indígenas, para assim preservar sua forma de vida. Em *La Vuelta*, o processo é o oposto. As rápidas mudanças na sociedade argentina ao longo da década de 1870, refletem numa poesia que passou a priorizar o trabalho disciplinado. Fierro deixa a vida com os indígenas, retorna à sua terra para se reintegrar à sociedade. No decorrer da trama, ao voltar, Martín reencontra seus filhos, e os dá uma série de conselhos que, ao final, decidem todos mudar de nome e buscar novos rumos. Na nova concepção de Hernández, em *La Vuelta*, o *gaucho*:

*Es el pobre en su horfandá
de la fortuna el desecho,
porque naides toma á pecho
el defender á su raza;
debe el gaucho tener casa,
Escuela, Iglesia y derechos*
(HERNÁNDEZ, [1879] 2009, p.268).

Nesse sentido, podemos ver como a trajetória política do autor, e sua mudança de ideias, o fez mudar os rumos de seu personagem, dando um novo sentido para a figura do *gaúcho*. Assim, há de considerar-se que

El Hernández de 1879 no es el de 1872; en la misma medida que el gaucho Martín Fierro de la primera parte del poema no es el mismo de la segunda. En 1872 Hernández es el ciudadano proscrito, en rebeldía, que busca refugio fuera de su orbe natural, repelido por potencias hostiles... En 1879 Hernández ha vuelto a Buenos Aires y ha aceptado que – por lo menos en las apariencias – ha ocurrido un cambio en la comunidad que antes aherrojara. (LARRAYA, 1987, p.74).

Portanto, podemos ver até aqui, como duas obras de literatura gauchesca refletiram as ideias políticas de seus autores, imbuídas dentro do contexto social de sua época, tendo as ideologias influenciado diretamente na construção da figura do *gaúcho*. Se de um lado temos José de Alencar, recorrendo aos usos do passado como uma ferramenta para afirmação de um projeto de integração nacionalista, de outro, temos José Hernández construindo um personagem que tem como cenário o contexto social de seu tempo presente, e sendo, de certo modo, porta-voz de suas ideias políticas, inclusive demonstrando suas mudanças de discurso. De qualquer forma, podemos visualizar essa relação de uma literatura sendo escrita de ideias políticas.

A figura do Gaúcho no pós Revolução de 1930 no Brasil

Ao analisar a produção literária gauchesca no Brasil do século XX, é fundamental entendermos o papel que a Revolução de 1930 e o Estado Novo Vargas colocaram sobre o debate intelectual/literário, sobretudo, no Rio Grande do Sul. Nesse sentido, entendemos como primordiais os pressupostos apresentados por Ieda Gutfreind em sua obra “A Historiografia Rio-Grandense” (1998). Ao estudar a historiografia sul-riograndense, Gutfreind lembra que, intelectualmente, a Província/Estado tinha um forte vínculo à dinâmica do Prata. E isto fazia com que se dividisse, principalmente, entre duas vertentes – principalmente historiográficas: a matriz lusitana e a matriz platina. É trazido que:

os últimos anos da década de 1920 marcaram o esforço político do Rio Grande do Sul para alçar-se à liderança nacional. Como numa cruzada cívica, políticos, intelectuais, sejam escritores, jornalistas ou historiadores, tanto da matriz platina quanto da matriz lusitana, concorreram para projetar o Rio Grande do Sul no Brasil. O esforço dos historiadores foi bastante grande. Iniciaram pela base, definindo uma identidade e se caracterizando historicamente. (GUTFREIND, 1992, p.30).

Com a chegada de um Rio-grandense, pela primeira vez, a presidência do Brasil em 1930, mais do que nunca era necessário integrar o Rio Grande do Sul ao centro do país. Nesse processo, a matriz lusitana acabou sendo favorecida e incentivada, como um meio de “abrasileirar” o gaúcho, dando uma origem lusa e rompendo com a matriz platina, nesse sentido:

resgatava-se, assim como já se fizera com a Revolução Farroupilha, uma história lusitana e brasileira para o Rio Grande do Sul. O Estado passava a ter uma história vinculada a Portugal. Segundo a versão, as terras sulinas desde sempre estiveram vinculadas à Coroa lusa. (GUTFREIND, 1992, p.65).

Outro marco fundamental neste contexto, foram as comemorações do centenário da Revolta Farroupilha em 1935, marcado por uma grande Exposição festiva, em que se rememorava a ‘História’ do povo gaúcho. Nesse processo de construção de identidade, “uma tendência muito difundida pelos intelectuais rio-grandenses foi a da “glorificação do gaúcho. Esta talvez seja uma das características que melhor expressam a visão que a classe dominante agropecuarista apresentava de si mesma para a sociedade” (PESAVENTO, 1980, p.67).

Sendo assim, cada vez mais a matriz lusitana foi se tornando hegemônica, dando um passado português e um presente vinculado à dinâmica nacional. Neste processo,

uma das características básicas é o enaltecimento de um passado guerreiro, onde o historiador busca nas lutas fronteiriças com os castelhanos vitórias grandiosas, lances de heroísmo e, dominando o cenário do pampa, “verdadeiro campo de batalha”, encontra-se a figura altaneira, viril e destemida do gaúcho, “centauro dos pampas”, “monarca das coxilhas” (PESAVENTO, 1980, p.67).

No entanto, esse processo não se manteve restrito à produção historiográfica, encontrando eco também na literatura. Uma das obras em que encontramos estes aspectos é a

trilogia “O Tempo e o Vento”, escrita por Érico Veríssimo, sobretudo em sua primeira parte “O continente” (1949). Em seu todo, Veríssimo faz, de certo modo, uma epopeia do povo gaúcho, entremeando seus personagens em meio a fatos históricos por um recorte temporal de quase duzentos anos.

Considerando os pressupostos trazidos por Gutfreind, de uma hegemonia da matriz lusitana, principalmente a partir de 1930 e o ano de lançamento de “O Continente”, 1949, para além do grande aspecto histórico envolvido em seu enredo, é plausível pensarmos que Veríssimo tenha bebido da vertente historiográfica de matriz lusitana para escrever suas obras, haja vista que encontramos essas características, como veremos a seguir.

Iniciando a saga através da estirpe dos “Terra”, residentes do Rio Grande do Sul no século XVIII, Veríssimo deu à família uma origem portuguesa, bem como os retratou como migrantes provenientes da Capitania de São Paulo:

Dona Henriqueta olhava desconsolada para a velha roca que estava ali no rancho, em cima do estrado. Era uma lembrança de sua avó portuguesa e talvez a única recordação de sua mocidade feliz. Casara com Maneco Terra na esperança de ficar para sempre vivendo em São Paulo. Mas acontecera que o avô de Maneco fora um dos muitos bandeirantes que haviam trilhado a estrada da Serra Geral e entrando nos campos do Continente, visitando muitas vezes a Colônia do Sacramento. (VERÍSSIMO, 1979, p.78).

Para além das origens portuguesas, outra característica que aparece, através da saga da família Terra, é a rivalidade com os castelhanos, que, na trama, invadem, saqueiam, matam os homens da família e abusam sexualmente da personagem Ana Terra. Na sequência, em um trecho que Ana se encontra com viajantes que estão passando pela propriedade é dito que o viajante

Olhou em torno, viu o rancho destruído, as sepulturas, tornou a encarar as mulheres e perguntou: - Mas o que foi que aconteceu por aqui, ainda que mal pergunte? Ana contou-lhe tudo. O desconhecido escutou num silêncio soturno e, quando a mulher terminou a narrativa, ele cuspinhou e disse por entre dentes: - Castelhanada do inferno! (VERÍSSIMO, 1979, p.128).

Esse aspecto de antagonismo com os platinos não se restringe ao enredo da família Terra na saga. Em capítulos posteriores, datando a época de 1828, o protagonista da obra Capitão Rodrigo Cambará, contando suas proezas militares, fala sobre sua presença no Uruguai, em combate às forças do líder uruguaio - hoje herói nacional de seu país - José Artigas : “Entrei em Montevideu em 1817 com as forças do Gen. Lecor... Não tivemos culpa. O governo da Banda Oriental pediu a proteção do nosso. Estava malito, porque o Artigas andava fazendo estripulias por lá”. Já em outro trecho, completa que “o direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta... O castelhano está aí mesmo. Hoje é Montevideu.

Amanhã Buenos Aires. E Nós aqui no Continente sempre acabamos na dança. (VERÍSSIMO, 1979, p. 176-179).

Portanto, como podemos observar, a publicação de “O continente” reflete o debate intelectual estimulado pelas ideias políticas nacionalistas emergentes no pós 1930, na busca de uma integração do Rio Grande do Sul ao cenário nacional, promovendo uma exaltação do gaúcho. Mas um gaúcho que figura como um personagem criado conforme os anseios da nação: branco – nem mestiço como o *gaucho* platino –, de origem lusa, estancieiro, com passado militar honroso em defesa de sua pátria, sobretudo no tocante ao antagonismo aos vizinhos platinos.

Érico Veríssimo não foi o único a criar uma trilogia com temática gauchesca. Cyro Martins criou a “Trilogia do Gaúcho a Pé”, composta pelas obras “Sem Rumo” (1937), “Porteira Fechada” (1944), e “Estrada Nova” (1954). Ao contrário de “O Tempo e o Vento”, na “Trilogia do gaúcho a pé” não há a utilização de um passado longínquo com narrativa de forma gloriosa, na exaltação da figura do gaúcho, mas sim, um retrato social deste arquétipo no alvorecer do século XX, que no processo de industrialização e urbanização, os gaúchos acabavam deixando os campos, já sem o cavalo e agora a pé pelas cidades.

Nos livros de Cyro Martins, não se vê uma sequência cronológica ou na trama dos personagens. Cada obra traz uma narrativa distinta, com personagens diferentes, todas tendo entretanto um enredo em comum: gaúchos que são forçados a deixar os campos, tendo as terras onde moram compradas ou sendo expulsos. Ao mudarem para a cidade acabam marginalizados nas periferias em situação de miséria, sem conseguir ocupação, o que leva aos pequenos delitos para a subsistência. Este é o caso do personagem João Guedes, que integra o livro “Porteira Fechada”.

Guedes já não era mais jovem ao ser expulso do campo que arrendava, por terem sido vendidos a um latifundiário. Ao se mudar para a cidade não encontra emprego, e acaba tendo que vender os poucos pertences que trouxera consigo, conforme é narrado:

Guedes saiu a passos trôpegos pelo caminhozinho pedregoso, levando os seus arreios de campeiro para vender ao primeiro que lhe desse vinte ou trinta mil-réis. Cortava assim o último tento que o prendia à vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um desígnio doloroso de gaúcho “de a pé” (MARTINS, [1944] 2001, p.113)

Naturalmente que a venda dos pertences não iria o manter por muito tempo, logo depois Guedes se vê novamente em dificuldades e acaba por se envolver em um roubo de ovelha, para o consumo da carne e comércio da lã, mas acaba sendo preso. Sua detenção não se manteve por muito tempo e, ao sair da prisão a situação de sua família encontrava-se ainda mais grave.

Fazia agora dois meses que se achava em liberdade, porém, se considerava mais prisioneiro que nunca. Tinham sido dois meses terríveis, esses. Perdera a filha, vendera o cavalo, vendera os arreios, Maria José secava a cada dia, passava fome (MARTINS, [1944] 2001, p.113).

Ainda dentro de um enredo semelhante, com dilemas parecidos, na obra “Estrada Nova”, Cyro Martins traz à tona o contexto político do momento – no cenário mundial, o início da guerra fria -, trazendo através dos personagens um retrato do imaginário social de medo do comunismo, representados na trama pelos coronéis latifundiários e suas esposas religiosas. Após a esposa do personagem Coronel Teodoro e suas colegas ficarem sabendo de uma hipotética invasão comunista “as devotas atarantaram-se imaginando morticínios iminentes e horrorosos: cabeças de padre enfiadas em taquaras, igrejas transformadas em estrebarias, virgens violadas, credo, o próprio tihoso solto no mundo!” (MARTINS, [1944] 2001, p.213).

Como analisamos, vê-se na “Trilogia do gaúcho a pé” um retrato social do Rio Grande do Sul no pós-1930, em que centenas de moradores do campo, em meio ao processo de urbanização e estímulo a industrialização acabaram marginalizados nas periferias de grandes cidades, além disso, de um modo quase satírico, Martins não deixou de fora as ideias políticas correntes, retratando o medo e estímulo ao combate ao comunismo, o que chegou a ser política de Estado.

Considerações Finais

Através da análise que empregamos sobre os quatro autores trabalhados, podemos perceber que, embora estivessem dentro de contextos diferentes, para além de ter um aspecto em comum, a temática do gaúcho – ainda que representado e moldado de formas distintas –, consideramos que o contexto político em que seus autores estiveram envolvidos influenciaram, em maior ou menor medida, nos moldes para a representação dos personagens em suas obras.

Se com “O Gaúcho” de José de Alencar houve uma tentativa, de integrar o gaúcho à dinâmica do Império, no conturbado período pós- imediato da Guerra do Paraguai, isso seria reforçado na trilogia de Érico Veríssimo, tendo em comum os usos do passado conforme os anseios do presente, glorificando a figura do gaúcho-herói. E, para além disso, dando uma origem portuguesa/brasileira, conforme os anseios do momento, pós-revolução de 1930, o que (re)forçado uma rivalidade com os platinos, rompendo qualquer proximidade ou influência.

Já ao Compararmos “El Gaucho Martín Fierro” de José Hernández e a “Trilogia do Gaúcho a Pé” de Cyro Martins, não vemos uma exaltação a um passado glorioso, mas sim, retratos e denúncias sociais da realidade em que cada autor vivenciava em seu presente; tendo, por parte da

obra de Hernández, uma militância política mais evidente, o que nos permitiu visualizar também como as mudanças de seus ideais políticos influenciaram no rumo/molde da figura gauchesca de *Martín Fierro*.

Portanto, ainda que cada qual conte com suas especificidades, vemos muitos paralelos que interligam esses autores não apenas pela figura do gaúcho em si, mas pela esfera das ideias políticas e do contexto social, que se tornaram condicionantes para os moldes de representação deste arquétipo regional. Isso nos permitiu esta análise de uma interface entre a História e a Literatura, comportando ver que a literatura gauchesca não deixou de ser, para além de uma crítica social, uma escrita política.

Referências

- ALENCAR, José de. *O Gaúcho*. São Paulo: Ática, 1978.
- GUTFREIND, Ieda. *Historiografia Riograndense*. 2.ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.
- HERNÁNDEZ, José. *El Gaucho Martín Fierro*. La Vuelta de Martín Fierro. Buenos Aires: RTM S.A, 2009.
- LARRAYA, Antonio Pagés. *Prosas del Martín Fierro*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones Argentinas, 1987.
- MARTINS, Cyro. *Estrada Nova*. Porto Alegre: Território das Artes/CORAG, 2008.
- MARTINS, Cyro. *Porteira Fechada*. 11.ed. Porto Alegre: Movimento, 2001.
- MOREIRA, Luiz Felipe Viel. *Os setores populares frente ao desenvolvimento do capitalismo na província de Córdoba 1861-1914*. São Paulo: USP, 1999. (T.D).
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Historiografia e ideologia*. In: RS: Cultura & Ideologia. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- VERÍSSIMO, Érico. *O Continente*. 18.ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1979.
- ZALLA, Jocelito. O gaúcho de José de Alencar e a nação como projeto: “romantismo político” à brasileira?. *Nau Literária*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2010.